

Revista Espinhaço entrevista: Paul Claval

APRESENTAÇÃO

O programa Canta Cantos Especial estreou da Rádio UFMG Educativa¹ em meados de 2006, como parte do Projeto Canta Cantos de divulgação do conhecimento geográfico². Desde 6 de setembro de 2005, quando foi realizada a primeira transmissão da emissora, a Geografia está presente na sua programação. A pedra fundamental do Projeto, a “pílula” Canta Cantos, estava para completar 1 ano e era bem recebida tanto por ouvintes da Rádio (espalhados potencialmente por toda Grande Belo Horizonte) quanto por estudantes e professores de geografia da própria Universidade (Souza, 2010). Nesse contexto, o Canta Cantos Especial foi criado para ampliar a participação da Geografia na UFMG Educativa, no Centro de Comunicação³ e, por que não, na extensão da UFMG.

Entre 2006 e 2008, período em que o Canta Cantos Especial² foi exibido uma vez por semana sem interrupção, nossa equipe³ entrevistou mais de 50 personalidades das artes e das ciências, sempre procurando saber como foram suas trajetórias de vida, da primeira infância até a ocasião da entrevista, buscando destacar momentos-situações importantes das suas experiências de trabalho (seja com arte ou ciência) e, principalmente, pontuando diversos lugares com músicas que os (as) próprios (as) entrevistados (as) devem escolher.

Sendo assim, já conversamos, por exemplo, com Ausier Vinicius (Pedacinhos do Céu/Chorinho de Peçanha/MG), Xico Bizerra (Música Regional Nordestina do Crato/CE), João Parahyba (Samba-rock/Trio Mocotó e Música Eletrônica de São Paulo/SP), Ná Ozzetti (Grupo Rumo/MPB de São Paulo/SP), De Leve (RAP de Niterói/RJ), Consuelo de Paula (MPB de Pratápolis/MG), Fernanda Takai (Pato Fu/Pop da Serra do Navio/AP), Nicolas Krassik (Samba e Forró de Paris/França), Pio Lobato (Guitarrada e Technobrega de Belém/PA), Angela Ro Ro (Blues e MPB do Rio de Janeiro/RJ), João Donato (Bossa Nova e MPB de Rio Branco/AC), Wagner Tiso (MPB de Três Pontas/MG), Edson Dutra (Os Serranos/Música Nativista Gaúcha de Bom Jesus/RS),

Carlos Palombini (Música Eletrônica, Funk e Escola de Música/UFMG de Porto Alegre/RS), Vera Casanova (Faculdade de Letras/UFMG do Rio de Janeiro/RJ) e, evidentemente, Paul Claval (Geografia Humana/Sorbonne dos arredores de Paris/França). Na prática, o programa tem uma hora de duração dividida em quatro blocos, sendo o primeiro de apresentação do entrevistado e os outros três feitos com fragmentos da conversa original e acrescidos de um punhado⁴ de músicas escolhidas pelo (a) próprio (a) convidado (a) da semana.

Esta entrevista deve ser lida, portanto, como um produto da conversa que tive com o professor Paul Claval, em 4 de abril de 2008, no hotel Bristol Pampulha Lieu, em Belo Horizonte (MG)⁵. No entanto, antes de começar a leitura da mesma, deve-se considerar duas coisas:

- O programa Canta Cantos Especial foi idealizado, planejado e produzido, considerando que nosso público original é formado por ouvintes não especialistas e não por leitores-especialistas. Sendo assim, fomos obrigados a fazer algumas alterações no resultado final. As pequenas foram feitas com base na transcrição *mot à mot* do áudio original, visando conservar o sentido original das falas e dar fluência à leitura do novo texto. As grandes se referem às músicas indicadas ou escolhidas por Paul Claval, que aqui aparecem como links externos e em maior quantidade do que na versão exibida no rádio. O conteúdo, de outro modo, permanece o mesmo, idêntico para leigos e cientistas, apresentando-se de uma vez como geografia “vernacular” e moderna (Claval, 2011).
- O tempo de uma entrevista no rádio é radicalmente diferente do espaço de uma entrevista em um periódico científico. Isto é, o que precisa ser dito rapidamente em um pode ocupar várias páginas em outro. Nesse aspecto, a versão impressa leva grande vantagem sobre a versão audível. Incluímos aqui vários trechos da entrevista original que tiveram que ser cortados da edição que foi ao ar na UFMG Educativa, pelo simples fato de que a conversa com

1 104.5 FM em Belo Horizonte (MG) ou através de: www.ufmg.br/radio.

2 Site do Projeto: www.cantacantos.com.br.

3 Agradecimentos especiais à Elias Santos (coordenador executivo da Rádio UFMG Educativa), Judson Porto (coordenador técnico), Cleiber Pacífico (coordenador de produção), Júpiter Camisassa Jr. e Thiago Silva (técnicos de som), bem como à Lucas Ávila e Bia Nogueira (ex-estagiários do Projeto Canta Cantos e Núcleo de Divulgação Científica da UFMG).

4 O número de músicas usadas por programa depende da duração de cada uma em relação aos cerca de 12 minutos fixos de cada bloco.

5 Agradecimento mais do que especial ao professor Sérgio Martins, então coordenador do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFMG, que mediou nosso encontro com Paul Claval e, sem saber, trabalhou como produtor do Canta Cantos Especial.

Paul Claval durou mais tempo do que de costume e não coube inteira em um só Canta Cantos Especial. As explicações para a escolha de cada música, o comentário sobre Milton Santos e o caso da tentativa de assalto no Amazonas, por exemplo, são algumas novidades.

Estes dois fatos fazem com que esta entrevista seja diferente da maioria das entrevistas publicadas em periódicos científicos e, apesar de já possuir quase 5 anos, ainda mostre um certo ineditismo. Sendo assim, desejo boa leitura e ótimas audições!

Lucas Mello de Souza (editor)

Onde o senhor nasceu, em quais lugares se criou e como eram esses lugares?

Nasci em um subúrbio de Paris, em 23 de maio de 1932, mas fui criado em uma pequena cidade da parte sudoeste da França. Minha mãe era professora de uma escola elementar a alguns quilômetros desta cidade e eu fui aluno de uma escola rural ao lado de outros alunos filhos de agricultores. Tive uma infância muito rural, em uma zona pobre da parte sudoeste da França, onde havia um vinhedo importante no passado. Entretanto, por causa da filoxera, uma doença do fim do século XIX⁶, essa zona foi completamente arruinada.

Minha experiência não foi uma experiência de jovem cidadão. Meu pai foi prisioneiro na Alemanha durante a Segunda Guerra Mundial. Por isso, tive responsabilidades importantes, por exemplo, para o abastecimento da família. Todas as quartas-feiras eu pegava minha bicicleta para comprar carne e outras coisas nas quintas num raio de 15 km da cidade. Foi uma experiência interessante descobrir e conversar com as pessoas de uma zona tão agradável; uma experiência diferente da maioria da população.

Com o fim da guerra, meu pai foi trabalhar no controle e na fiscalização dos pesos e das balanças francesas. Por esse motivo ele viajava muito e eu tive a oportunidade de acompanhá-lo. Assim eu viajei pela parte sudoeste da França, pelo planalto central, por uma área de 25.000 km². Foi uma experiência importante para descobrir a diversidade dessa região, que é um pouco alta, um pouco montanhosa e com uma economia muito diversa. Como meu pai tinha que controlar os mercados, eu visitei muitos deles e periferias entre os 14 e 20 anos. Foi uma experiência um pouco diferente da infância.

Quantos anos o senhor tinha?

6 “A partir do último quartel do século XIX, a filoxera constituiu-se como a praga mais devastadora da viticultura mundial, alterando profundamente a distribuição geográfica da produção vinícola e provocando uma crise global na produção e comércio dos vinhos que duraria quase meio século.” Disponível em <http://goo.gl/LaHrB>. Acesso em 21 de junho de 2013.

Eu tinha 7 anos, em 1939, e 13 anos, em 1945, quando meu pai retornou à casa depois da guerra

Essas viagens, passeios e acompanhamentos do seu pai duraram até quando?

Até quando eu comecei a trabalhar em 1955. Viajei algumas vezes a cada ano por 3 ou 4 dias até completar 18 anos. Depois disso me tornei estudante da Universidade de Toulouse e não tive tantas oportunidades de viajar com ele.

Dessas viagens, o que o senhor acha que foi importante para a sua formação?

Acho elas foram importantes para descobrir a realidade das populações, a diversidade das zonas agrícolas de produção de trigo, milho e criação para a produção de queijo. A cultura local era tradicional. A gente usava um idioma diferente do francês, um pouco semelhante ao catalão, uma “língua d’oc”⁷. Foi interessante descobrir esse tipo de oposição entre duas culturas, isto é, duas maneiras de entender a vida e o ambiente.

Como nossa entrevista também tem música, eu peço o seguinte: pensando nos lugares que visitou ou que foram importantes nessa fase da vida, escolha três músicas que, na sua interpretação, possam simbolizar, representar ou ilustrar esses lugares

O primeiro tipo de música é a música tradicional das zonas rurais da parte meridional da França⁸. São muitas canções na língua *occitana*, compostas por autores tradicionais e servem para dançar. Esse tipo de música pode ser chamada de *bourrée*.

- Grupo se apresenta durante o evento Ethno France 2012: <http://youtu.be/QGXi4hO8LBk>
- Casal dança o *bourrée*: <http://youtu.be/7n5o0cb66H4>
- Jethro Tull se apresenta na televisão francesa nos anos 1970: http://youtu.be/1_jyO7GsU5E

O segundo tipo foi aquele que descobri viajando pelo Marrocos. Quando eu tinha 16 anos, em 1948, venci uma

7 “A língua occitana, também chamada occitânica, langue d’oc, occitano ou provençal (em francês, langue d’oc; em occitano, lenga d’òc), é uma língua românica falada no sul da França (ao sul do rio Loire), assim como em alguns vales alpinos na Itália e no Val d’Aran, na Espanha.” Disponível em <http://goo.gl/p1EK9>. Acesso em 25 de junho de 2013.

8 “The Southern provinces (Gascony, Languedoc, Béarn, Rousillon, Provence, Pays Basque) are redolent of a musky romance derived from the legacy of the troubadours, 12th-century poets and musicians whose lushly passionate, frank and topical songs were composed in a Latin-based language called Provençal. Today’s dialects, including Occitan, Gascon and Béarnaise, roll off the tongue and flavor the area’s tunes with a languid yet tartly virile sensuality. As in the Central areas, the bagpipe is commonly heard as is the hurdy-gurdy, along with woodwinds, plucked and bowed strings and percussion. (...) Languedoc’s local bagpipe, the bodega, is often paired with oboes and instruments imported from nearby cultures.” Disponível em <http://goo.gl/fnIdG>. Acesso em 25 de junho de 2013.

competição intercolegial na França e o prêmio foi uma visita de 25 dias ao Marrocos, completamente independente e solteiro [risos]. O resultado dessa viagem foi meu primeiro contato com uma música “andaluz”, com uma música árabe do tipo clássico, com canções tradicionais que você escuta na rua. Por exemplo, tive a oportunidade de visitar o Alto Atlas e numa pequena aldeia pude ouvir uma música berbere com instrumentos antigos. Não conheço seus autores, pois é um tipo de música popular tradicional, mas considerei muito importante porque seu universo é completamente diverso do universo da música ocidental.

- Músicos berberes se apresentam na rua, em Essouira, Marrocos: <http://youtu.be/dbZRO-FhKQs>
- Al Kauthar se apresenta no 7º Festival Internacional de Música Andaluz, em Casablanca, Marrocos: <http://youtu.be/Tnr4llRepOY>
- Trecho do filme “Vengo”, sobre música flamenca: http://youtu.be/jucQ_PG43Rk

A terceira música que veio depois da Segunda Guerra Mundial. Muitas canções novas vieram dos Estados Unidos para a França com a armada norte-americana e eu acabei criando um gosto especial pelo *jazz*, para trompetistas como Duke Ellington. Isso foi muito importante para mim, sobretudo depois de 1949, quando tive um colega que tocava trompete e ainda era um bom jazzista. Foi uma experiência quase cotidiana, pois toda tarde ele tocava por meia hora para um grupo de amigos.

- Uma das “Transmissões de guerra” de Glenn Miller, que desapareceu quando sobrevoava o Canal da Mancha em 1944, viajando do Reino Unido para a França: <http://youtu.be/n4XvfGuGOFI>
- Duke Ellington (ao piano) e banda tocam “C jam blues” (1942): <http://youtu.be/gOlpcJhNyDI>
- Trecho do filme “Whatcha say?” com Dorothy Dandridge e Louis Armstrong (este, sim, ao trompete) (1944): <http://youtu.be/taPRYI-DzE4>

Com que idade, mas principalmente onde a geografia entrou na sua vida?

Ela entrou na minha vida na idade de 6 anos, quando ganhei a possibilidade de ler e explorar a biblioteca do meu pai. Meu pai tinha muitos livros de geografia. Somado a isso, nem a escola nem minha mãe me davam trabalho para fazer a tarde ou a noite. Assim, quando eu chegava em casa, tinha muito tempo para ler e sonhar com os atlas e mapas. Essa foi a origem do meu gosto para a disciplina. Com 8 ou 9 anos eu já tinha um gosto muito forte para a geografia.

Quando e onde você começou a estudar especificamente a geografia?

Minha primeira formação específica veio depois dos estudos de nível secundário na Universidade de Toulouse. Lá eu tive a oportunidade de encontrar dois professores que foram muito importantes para me explicar o sentido dos mapas, como construir mapas temáticos, mas também por que fazer trabalhos de campo.

Ao mesmo tempo, eu fazia estudos mais literários e tive professores muito importantes para minha concepção de geografia. Eles me ensinaram como o pensamento se transforma na literatura. Depois eu acabei descobrindo que podia aplicar seus métodos para interpretar a evolução da geografia. A parte mais literária da minha formação foi importante, portanto, para orientar a minha concepção da disciplina.

O que o senhor fez depois da primeira formação?

Primeiro foi um período de abertura, com interesses para a matemática, para a literatura e para a geografia, entre 1949 e 1952, em Toulouse. Depois, entre 1952 e 1956, trabalhei unicamente no campo e no domínio da geografia. Em 1955, com 23 anos, passei em um concurso nacional para lecionar geografia do ensino secundário. Mas, então, tive que servir às forças armadas por causa da Guerra da Argélia [1954-1962]. Foi um serviço militar muito longo, de 26 meses. Não fui para a Argélia, mas para a Tunísia.

Duas perguntas de uma vez: o que o senhor acha da sala de aula como espaço de ensino-aprendizagem e como foi a viagem para a Tunísia?

A sala de aula foi uma experiência um pouco difícil, pois não temos treinamento para ensinar. Na época, eu fiz o concurso e logo depois, no dia seguinte, eu tinha 40 alunos na minha frente e sem nenhum treinamento pedagógico! Ao mesmo tempo, entrar em sala de aula foi uma experiência fundamental para organizar as matérias de uma maneira clara e com exemplos. Acho que foi um período importante.

O período na Tunísia foi importante para a orientação das minhas pesquisas. Quando eu era estudante, um domínio que me interessava muito era a geomorfologia. Mas eu não podia estudar geomorfologia enquanto era soldado-oficial na Tunísia. Era impossível caminhar ou fazer trabalhos de campo. Por outro lado, tive a possibilidade de levar alguns livros e ler. Assim, descobri o papel da economia, da ciência econômica moderna e da macroeconomia. O resultado disso é que quando retornei à França escolhi desenvolver uma pesquisa de geografia econômica usando as novas orientações desta disciplina.

Quando o senhor retornou para a França foi para onde?

Em 1958-1959, fui para Montpellier. Em 1960, tive a possibilidade de ensinar na Universidade de Besançon, na

parte leste da França. Foi um período muito importante para o desenvolvimento das minhas ideias.

Por que Toulouse, Montpellier ou Besançon? O que influencia a vida de um professor de geografia? O que mais interfere nas suas escolhas, o que define os rumos, os caminhos e as trajetórias?

O tempo em que trabalhei em Besançon foi muito importante, porque pude desenvolver muitas iniciativas e orientações. O diretor do departamento era muito liberal e isso é algo que considero importante.

A segunda razão foi a proximidade da Suíça de língua francesa, que foi importante para que os estudantes aprendessem as diferenças entre dois povos que falam a mesma língua, mas não tem a mesma concepção de vida e trabalho. Besançon foi um lugar muito interessante para fazer comparações e entender as diferenças entre populações católicas, calvinistas e luteranas, pois esta parte da *Franche-Comté* é o único lugar da França onde se encontra o luteranismo e ainda onde se fabricam os automóveis da Peugeot. Existe uma ligação entre o desenvolvimento industrial dessa parte da *Franche-Comté* e as religiões da elite local, que é evangélica, e a da maioria da população, que é luterana.

Nesse tempo, meus maiores interesses estavam na geografia econômica. Logo, compreendi que, para explicar a localização das indústrias em uma região, é importante levar em conta as religiões locais e as tradições, além dos fatores econômicos tradicionais. Entendi que estes últimos não são os únicos a ter um papel importante na explicação de uma geografia muito diversa como aquela da *Franche-Comté*.

Mais uma vez: quais são as 3 músicas que o senhor acha que simboliza bem essa parte da sua trajetória. Podem servir também para dizer sobre lugares que o senhor ainda não falou, mas que, agora, considera importante pontuar.

Tive a oportunidade de visitar e trabalhar na província de Quebec, no Canadá. Lá eu descobri a música folclórica local dessa região. As pessoas que tocavam violino eram muito interessantes e as músicas de alguns cantores *quebécois* foram importantes. Uma delas é Diane Dufresne. Existe também – não me lembro do nome – um cantor que explicou: *mon pays c'est l'hiver*, ou seja, “meu país é o inverno”, não é um lugar. Foi uma canção muito, muito marcante! O que é o Canadá?! O Canadá é o inverno! Acho que ela é importante para associar música e lugar e ainda explicar a originalidade canadense. Por fim, nos anos 1960, houve o desenvolvimento da música rock na França, cantada, por exemplo, por Johnny Halliday.

Agora nós estamos na última parte do programa, quando falamos sobre o momento presente. Mas, antes, eu gostaria de saber como o senhor chegou em Paris.

A razão de me deslocar para Paris foram os eventos de 1968, que trouxeram muitas dificuldades para a Universidade de Besançon. Por exemplo, em 1969, eu tive que passar mais de 30 horas por semana em reuniões com os estudantes. Era impossível trabalhar! Mas, em Paris, a situação era outra. A Universidade de Paris foi dividida em 7 universidades distintas e cada uma adotou uma orientação política clara. O resultado disso foi que não precisei passar tanto tempo explicando minhas orientações políticas. Em resumo: não foi possível trabalhar numa pequena universidade como a de Besançon, mas foi possível em Paris.

Por que o senhor escolheu a Sorbonne?

Eu não escolhi a Sorbonne. Primeiro eu fui para uma nova universidade nos subúrbios ao norte de Paris: Paris XIII. Só depois que fui convidado para ensinar na Sorbonne em 1973. Fiquei lá até me aposentar.



Paul Claval durante o Festival Internacional de Geografia em 2011. Disponível em <http://goo.gl/LQ7Hm>

O que a Sorbonne representa como centro de pensamento geográfico?

Acho difícil falar da Sorbonne como “centro de pensamento geográfico”, porque, na realidade, são três universidades no centro de Paris, com orientações diferentes: Paris VII, Paris I e Paris IV.

Paris VII tem desde os anos 1970 uma orientação mais social, voltada para os problemas do meio ambiente. Paris I tem uma orientação mais clássica, econômica. Paris IV é uma universidade com orientações diversas, um pouco tradicional, mas, ao mesmo tempo, onde pude desenvolver novos projetos. Gosto dessa abertura para desenvolver pesquisas, como as que eu realizei no campo da geografia política no fim da década de 1970 ou na abordagem cultural na geografia desde meados dos anos 1980. Lá eu

tive muitas oportunidades nesse sentido. Os colegas estavam abertos a esse tipo de proposta. Acho que isso é o importante para uma universidade como a Sorbonne: a liberdade intelectual.

Como o senhor se vê atualmente: professor da Sorbonne aposentado, convidado para dar palestras pelo mundo...?

Essa é uma evolução normal. Tive a oportunidade de publicar muito e algumas dessas publicações foram traduzidas para o italiano, o espanhol, o português, o inglês, o japonês e outras línguas. Por isso, já fui convidado para viajar ao Canadá, aos Estados Unidos, à Nova Zelândia, à Austrália... Tive a chance de ensinar no Canadá francês por quatro vezes e uma vez nos Estados Unidos.

A experiência de ensinar em um país estrangeiro é fantástica, porque os novos alunos não têm as mesmas orientações ou concepções que você está acostumado. Dessa maneira o professor precisa refletir sobre as práticas e métodos que utiliza. É também uma possibilidade de se aproximar da cultura local. Por exemplo, quando estava ensinando no Canadá francês... porque a gente que fala francês tem a impressão de que os canadenses franceses são como os franceses, mas, quando fui corrigir os trabalhos desses novos alunos, descobri uma mentalidade ou uma reação aos problemas sociais completamente diferente daquela que eu estava habituado! Não havia no Canadá francês uma tradição de pensamento socialista. Não existia.

E no Brasil, que tem uma língua diferente. Como que este lugar aparece para você?

O Brasil foi uma terra de experiências muito interessantes. Tenho interesse pelo Brasil desde a época em que estudava em Toulouse, onde tive a oportunidade de encontrar e conversar com estudantes brasileiros. No entanto, o primeiro contato de fato foi em Salvador (BA). Em Salvador (BA) eu descobri uma civilização misturada, europeia e africana, um povo completamente distinto dos povos da Europa ocidental. Foi uma experiência muito importante para mim.

Outro ponto importante se refere ao dinamismo brasileiro. Tive a chance de viajar pelo país desde os 25 anos. Então, já o visitei mais de 20 vezes. Nos anos 1980, o Brasil era um país um pouco “tradicional”, mas atualmente é um país que produz mais de 2 milhões de automóveis por ano, que possui indústrias siderúrgicas, agricultura de nível mundial, que exporta soja... Hoje em dia, é uma sociedade com um desenvolvimento espetacular!

Entretanto, seu desenvolvimento acontece de forma desigual. O Brasil é um país muito moderno, capaz de produzir aviões, de eletrônica, de usar técnicas muito avançadas e que possui um papel cada vez mais importante na América Latina e no resto do mundo. Mas, ao mesmo

tempo, é um país atrasado, marcado pela pobreza. Sendo assim, seu maior problema é a questão da integração das populações mais pobres e das minorias.

No domínio acadêmico, a geografia brasileira servia bem para a graduação nos anos 1980, mas não para a pós-graduação. Mas atualmente, de outro modo, são tantas as possibilidades de ensinar no mestrado e no doutorado, que o nível da geografia brasileira pode ser considerado internacional. Uma situação completamente diferente daquela de 25 anos atrás.

Tive a oportunidade de encontrar Milton Santos em Paris, em 1971. Ele estava um pouco isolado, por razões políticas, mas, ao mesmo tempo, tinha uma formação muito aberta, com influências da geografia francesa, da filosofia francesa, da geografia de língua inglesa, com conhecimento direto da evolução econômica na África, nas regiões do Terceiro Mundo. Acho que ele tem um irmão, Nelson Santos, que tinha ido trabalhar nas Nações Unidas, na cooperação internacional. Através dele, Milton conseguia informações muito recentes sobre a evolução econômica e social do Terceiro Mundo. Em um certo sentido, ele fazia uma geografia globalizada. Mesmo sem gostar muito dos seus resultados, Milton Santos foi um produto da globalização dos anos 1970 e 1980.

Deixando a ciência de lado, como está o seu sentimento em relação ao Brasil?

O meu gosto pelo Brasil é grande. Visito o país sempre que posso: uma ou duas vezes por ano. Gosto da sociedade brasileira porque ela é uma sociedade aberta, de convivência, cujas relações pessoais são muito agradáveis. Acho que a atmosfera brasileira é mais agradável do que nas sociedades dos países da Europa Ocidental.

A única questão é a insegurança. Não é possível caminhar a pé tranquilo! Eu não tive grandes problemas, mas fui assaltado duas vezes aqui: em Belém (PA), em 1986, e no ano passado [2007] na Festa do Boi Bumbá de Parintins (AM). Mas, a última vez foi um grande fracasso! O ladrão tentou invadir meu quarto puxando o ar condicionado para fora [risos]. Eu gritei e ele fugiu. Acho que ele devia ter 14 anos para poder passar por uma abertura daquela. Foi uma emoção! [risos] Não foi perigoso! [risos]

Estamos encerrando e eu queria que o senhor se despedisse dos ouvintes, mas, em especial, do pessoal da geografia.

Gosto da diversidade das curiosidades na geografia brasileira. Gosto da paixão de muitos colegas, da paixão pela pesquisa, da paixão para a ação social para melhorar a situação da parte pobre da população e das minorias, paixão para ajudar no desenvolvimento mais harmonioso da Amazônia. Considero muito importante encontrar colegas com essas preocupações. A curiosidade intelectual dos geógrafos brasileiros faz com que estejam bem informados sobre a evolução da geografia na América do

Norte, na Europa, bem como sobre as discussões filosóficas. Não há somente um interesse pela disciplina, mas um interesse mais profundo para a filosofia que está por trás da geografia. Isso é importante para mim.

Quais músicas o senhor gostaria de simbolizar esses momentos recentes?

Primeiro, a música da parte celta da França, a Bretanha. Há uma tradição musical que cumpre um papel importante no desenvolvimento da consciência regional. É um tipo de música que guarda muitas semelhanças com as músicas da Irlanda, da Escócia e da Galícia (Espanha). Existe uma tradição celta em toda a França, mas a língua celta sempre foi usada na parte oeste da Bretanha. Todo ano acontecem festivais com músicos escoceses, irlandeses e galicianos nesta região. Esse tipo de música é interessante para a orientação de pesquisas no domínio cultural, sobre a gênese dos sentidos modernos da identidade.

- Alain Stivell (na harpa) interpreta “Suite Irlandaise / The King of the Fairies” em 1972: http://youtu.be/x_4-dx03sso
- Alain Stivell se apresenta na Bretanha: <http://youtu.be/Z2zTX78fTd8>
- Alain Stivell e Nolwenn Leroy cantam em Paris (2012): <http://youtu.be/8B9tz9pfKAY>

Segundo, tive a oportunidade de viajar para o extremo oriente e ensinar em Tai-Wan duas vezes, em 1993 e no ano passado [2007]. Lá, achei interessante as músicas que são tradicionais, mas, ao mesmo tempo, demonstram ter uma influência importante da música ocidental. Não conheço os nomes, porque pertencem ao idioma chinês [risos]. Mas são músicas que mesclam a tradição e o moderno e que podem ser ouvidas hoje em dia. Essas relações são muito importantes.

- Pan Jing e Conjunto tocam “Xiang fei bamboo”: <http://youtu.be/1zXqoHM3MMs>
- Flautista taiwanesa concede entrevista em Nova Iorque e toca trecho de música tradicional: http://youtu.be/8_adqWKGQ2I
- Siti Nurhaliza, cantora da Malásia, e Wang Lee Hom se apresentam em Taiwan, em 2004: <http://youtu.be/ddOFupDdsYI>
- Jay Chou canta “Big ben”: <http://youtu.be/-u4sPnpaFEA>

Terceiro, um Rap francês e norte africano, pois uma parte dos cantores de Rap franceses vem da África. É um bom exemplo de música moderna, com uma tradição árabe, mas expressão de língua francesa.

- Alliance Ethnik, grupo cujos integrantes são todos filhos de imigrantes, canta “Respect”: <http://youtu.be/qO1KkOf-ypI>
- Nascido no Senegal, MC Solaar canta “Solaar pleure”: <http://youtu.be/VK5EAkdUyhk>
- Ärsenik, dupla de origem congoleza, interpreta ao vivo “Une saison blanche et seche”: <http://youtu.be/4dt9UeO1Wrw>

REFERÊNCIAS

- [1] CLAVAL, P. A geografia e a percepção do espaço. Revista Brasileira de Geografia, v. 45, n. 2. 1983.
- [2] CLAVAL, P. O território na transição da pós-modernidade. GEOgraphia, v. 1, n. 2. 1999. Disponível em <http://goo.gl/fpbb6>
- [3] CLAVAL, P. A geografia cultural. Florianópolis – Ed. da UFSC, 1999.
- [4] CLAVAL, P. “A volta do cultural” na geografia. Mercator, v. 1, n. 1. 2002. Disponível em <http://goo.gl/OSif2>
- [5] CLAVAL, P. História da geografia. Lisboa – Edições 70, 2006.
- [6] CLAVAL, P. Política, espaço e cultura: as ligações entre poder e religião. Confins, n. 12. 2011. Disponível em <http://goo.gl/PeHHq>
- [7] CLAVAL, P. Geografia cultural: um balanço. Geografia (Londrina), v. 20, n. 3. 2011. <http://goo.gl/R7IYb>
- [8] CLAVAL, P. Epistemologia da geografia. Florianópolis – Ed. da UFSC, 2011.
- [9] CLAVAL, P. A diversidade das geografias econômicas. GEOgraphia, v. 14, n. 27. 2012. Disponível em <http://goo.gl/of9aI>
- [10] SOUZA, L.M. de. Canta Cantos: uma forma alternativa de se fazer Geografia [Dissertação de Mestrado] Belo Horizonte – UFMG-IGC, 2010. Disponível em <http://goo.gl/kr7Cl>